

II Fórum Nacional de Museus

Ouro Preto – 22 a 26 de agosto de 2006

Grupo de Trabalho (GT): Museus Universitários e de Ciências

Os participantes do *Grupo de Trabalho sobre Museus Universitários e de Ciências*, reunidos no II Fórum Nacional de Museus, realizado em Ouro Preto (MG), de 22 a 26 de agosto de 2006, discutiram e expressam seu reconhecimento pela liderança exercida pelo Ministério da Cultura, através do Departamento de Museus e Centros Culturais do IPHAN que, por sua política e ações concretas, vem alavancando o progresso da museologia em nosso país.

Também deixam registrada a percepção da abrangência de seu trabalho em todo o território nacional, bem como o respeito e a ética com que vem atuando. Como exemplo, citam o cuidado com a indicação para a coordenação dos GTs, de profissionais que representam a área, como o Fórum Permanente de Museus Universitários e o Museu de Astronomia e Ciências Afins, vinculado ao Ministério de Ciência e Tecnologia.

Representantes dos estados do Amapá, Distrito Federal, Minas Gerais, Pará, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe, estiveram presentes no GT, que embora tenha tido maior diversidade de museus participantes, apresentou menor número de representantes que em 2004. Por outro lado, foi maior o número de participantes de museus de ciências não universitários.

Iniciaram-se as atividades deste grupo com a apresentação, pelos coordenadores, dos objetivos e metas do DEMU/IPHAN para os GTs e do documento final do I Fórum Nacional de Museus (Salvador – 2004), que embasou o início das discussões.

Como pontos iniciais foram sugeridos ao DEMU:

- evitar atividades simultâneas nos Fóruns Nacionais de Museus e que inclua uma tarde com roteiros diferenciados de visitas técnicas aos museus locais, podendo utilizar também profissionais participantes do fórum para problematização das visitas;
- evitar sempre que possível, no próximo Fórum, programar atividades culturais e/ou de interesse geral (como inaugurações) durante os GTs;
- que o DEMU faça gestão junto ao MEC para que o representante dos museus universitários no Observatório de Museus seja indicado pelo Fórum Permanente de Museus Universitários;
- que a Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência (ABCMC) tenha um representante no Sistema Nacional de Museus;
- que no próximo Fórum Nacional sejam reprogramadas as atividades envolvendo museus universitários e de ciências, deixando o GT apenas para os “museus de ciências”, universitários ou não. E que seja incluída, na programação do Fórum,

um seminário sobre museus universitários ou uma assembléia do Fórum Permanente de Museus Universitários, abordando todas as tipologias de museus.

Diante das dificuldades de manter, em um mesmo GT, representantes de museus universitários e de ciências, e da constatação de que os resultados do I Fórum Nacional de Museus contemplavam predominantemente os museus universitários, sugeriu-se então, para otimizar o tempo e elaborar propostas mais concretas e objetivas, a constituição de dois subgrupos de trabalho:

Subgrupo A - “museus universitários”, abrangendo diferentes tipologias;

Subgrupo B - “museus de ciências” não universitários.

O subgrupo A considerou bastante atualizadas as reflexões e debates do I Fórum Nacional e relevante continuar as discussões em torno das sugestões contidas nesse documento de 2004, que apesar de evidenciar questões centradas principalmente nos problemas e demandas dos museus universitários, apresentava um claro diagnóstico desses museus. E achou importante registrar os avanços ocorridos em algumas áreas, bem como os motivos que os impulsionaram, reconhecendo, entretanto, a estagnação mantida em outras áreas.

Dentre os desafios apontados, muitos permanecem exatamente como foram relacionados há dois anos, provocando nos participantes do GT o desejo de ousar, de avançar construindo metas concretas a serem alcançadas a curto, médio e longo prazos.

O foco central das discussões, no entanto, baseou-se nas “sugestões” daquele documento, dirigidas tanto aos próprios museus como às universidades às quais estão vinculados, e que serviram de parâmetro para avaliação e proposição de novas metas para esses museus.

Os avanços ocorreram, em grande parte, em decorrência do estímulo gerado pela política nacional de museus; do aumento do número de editais voltados para os museus (IPHAN, Ministério da Ciência e Tecnologia, Fundação Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, BNDES, Petrobrás, FAPs dos diferentes Estados, ONGs), possibilitando maior aporte de recursos.

Também motivaram as transformações ocorridas nos museus universitários o maior número de seminários, congressos, encontros nacionais e internacionais ocorridos nos últimos anos, além da oferta de cursos, oficinas, oportunizando reflexões, debates, mudanças conceituais refletidas na prática.

O grupo reconhece a necessidade de buscar o contato com o MEC; de intensificar o diálogo entre os Ministérios da Cultura e da Ciência e Tecnologia; de maior interlocução com as universidades, gerando mais apoio e proposição de políticas para os seus museus; ampliação do quadro de funcionários dos museus; implementação de um plano de carreira e proposição de programas de capacitação para os profissionais já atuantes nos museus.

Dentre as propostas formuladas, foram ainda sugeridas para serem executadas

A curto prazo:

- Intensificar o apoio dos fóruns representativos de museus universitários às universidades públicas e privadas, no sentido de incentivar a participação das reitorias, pró-reitorias, diretorias em encontros e discussões, para que reconheçam a importância da atuação desses museus;
- Solicitar às universidades que indiquem representantes para atuarem junto às coordenadorias regionais do Fórum Permanente de Museus Universitários, ampliando as redes de comunicação;
- Incentivar o uso de metodologia que promova o intercâmbio e a troca de exposições de curta duração entre diferentes instituições museais;
- Informar as universidades públicas e privadas sobre a constituição e atuação dos fóruns de museus;
- Discutir e melhorar o instrumento utilizado para o diagnóstico dos museus universitários (questionário), a partir de discussões e troca de experiências via internet, incluindo questões que também alcancem as coleções;
- Promover ações pró-ativa que levem o Fórum a atingir o maior número possível de instituições. Os coordenadores regionais devem formar grupos de trabalho que dêem suporte para o estabelecimento e/ou maior capilarização de redes;
- Credenciar os coordenadores regionais para que possam agir em nome do Fórum;
- Incentivar e/ou colaborar na criação de cursos interdisciplinares de pós-graduação na área museológica;
- Sugerir ao DEMU/IPHAN que mantenha em sua equipe um responsável por GT do Fórum Nacional de Museus, com o objetivo de manter a articulação para a concretização das propostas.

A médio prazo

- Intensificar as pesquisas para ampliar o diagnóstico dos museus e coleções universitários, concluindo-o no prazo máximo de 1 ano, tempo hábil para propor e alcançar novas metas até o próximo Fórum Nacional.

A longo prazo

- Elaborar e publicar catálogo dos museus universitários brasileiros, a partir de pesquisas e diagnóstico em andamento. Lançamento previsto para o próximo Fórum Nacional de Museus (2006).

As discussões e propostas do sub-grupo B foram endossadas pelos museus de ciência, presentes no sub-grupo A (museus universitários).

Foram discutidas, inicialmente, as dificuldades decorrentes do tipo de vinculação jurídica dos museus de ciências. Foram identificados museus federais, estaduais, municipais e privados. Os maiores problemas são encontrados nos museus estaduais e municipais, face à descontinuidade de equipes e de planejamento, sujeitas às políticas culturais dos governos. Muitos não possuem identidade jurídica, equipe permanente, plano de carreira e orçamento definido.

No caso dos museus federais, os problemas se relacionam ao contingenciamento de orçamentos, às equipes reduzidas, às vezes à necessidade de ter sua institucionalização decretada por lei, de forma a terem mais estabilidade institucional a longo prazo. Seus regimentos internos precisam ser publicados em diário oficial, para que as atribuições estejam claras e definidas. Uma vantagem, no entanto, é que nesses museus, as equipes são estáveis e quase sempre muito envolvidas com a instituição, o que poucas vezes acontece nos museus estaduais e municipais.

Os museus privados, em geral, não têm problemas jurídicos, orçamentários ou de equipe, restringindo-se estes à sua vinculação aos setores de *marketing* ou assessorias de comunicação de empresas, à necessidade de atender ao papel de divulgação institucional ou de um setor produtivo, com redução da liberdade de ações imparciais e independentes.

Um problema importante discutido nesse sub-grupo é o descaso quanto ao patrimônio da ciência, da técnica e da indústria. Não há política de preservação, nem ações concretas e sistemáticas para tratá-los e preservá-los.

Outro ponto discutido foi a reduzida presença de museus de ciência nos Fóruns Nacionais de Museus. Foi questionado se não há, por parte desses museus, um reconhecimento do MINC como instância governamental de políticas públicas e de articulação para as instituições desse grupo. Por outro lado, parece haver no DEMU certa dificuldade de compreensão dessas instituições. A própria junção dos mesmos num GT com museus universitários parece refletir tal dificuldade. Os canais de comunicação entre o DEMU e os museus de ciências precisam ser ampliados.

Os museus de ciências e os demais museus precisam estar mais articulados, inclusive como forma de minimizar alguns preconceitos existentes de parte a parte. Para tal, a articulação entre ciência – arte – história pode auxiliar nesse processo, onde o papel do museólogo, como agente articulador, pode ser determinante. Destaca-se, aqui, a necessidade de diagnosticar quantos e quais museus não possuem museólogo em seus quadros e, a partir disso, criar mecanismos de auxílio para minimizar as carências efetivas.

Outro ponto discutido foi que, além dos museus de ciências pouco comparecem aos FNM, os demais museus não participam, em sua maioria, da Semana Nacional de C&T ou das Reuniões Anuais da SBPC.

Os canais de comunicação e divulgação utilizados na área de C&T, como o *Jornal da Ciência on line*, são pouco utilizados pelos demais museus. Por outro lado, o boletim do DEMU é pouco utilizado pela maioria dos museus de ciências.

Os profissionais de museus não costumam se cadastrar no sistema LATTES de currículos do CNPq.

Tudo isso reforça o mito de que nos demais museus não se faz ciência, não se produz conhecimento.

PROPOSTAS:

- Para os museus estaduais e municipais, seria interessante que se articulassem em torno de redes estaduais e regionais, que podem eventualmente assumir personalidade jurídica. O papel da Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência - ABCMC - como articuladora dessas redes e incentivadora de sua criação deve ser enfatizado.

- Para os museus federais seria importante a articulação para desenvolver propostas e políticas de proteção do patrimônio da ciência, da técnica e da indústria. Quem sabe, procurar rever a política de preservação da memória da C&T já existente no MCT, ainda não implementada. Nesse caso, é imprescindível incluir os objetos e edificações, que não foram ainda contemplados. Poderia ser criado um livro de tomo para esse tipo de acervo, numa ação conjunta MCT&MINC.

- Os museus de ciências devem se associar à ABCMC e esta deve fazer um esforço para atrair esses museus para a Associação, divulgando seu trabalho e buscando ampliar o número de associados.

- O Cadastro Nacional de Museus deve incluir todos os associados da ABCMC, a partir de contatos entre o DEMU e esta Associação. A ABCMC deveria ser convidada e estar presente no próximo FNM, em 2008. Para tal, faria um evento preparatório em 2007, durante a próxima reunião anual da SBPC, em Belém, na qual o DEMU estaria presente e estimularia a participação de seus museus, talvez em espaço específico e contíguo ao da ABCMC. Seria realizada uma reunião preparatória para o FNM-2008 e o DEMU poderia oferecer oficinas e mini-cursos, em especial para os profissionais das instituições dessa Associação.

- É importante que a ABCMC esteja participando da Semana Nacional de Museus e que o DEMU, com todos os demais museus, participem da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia. O Departamento de Difusão e Popularização da Ciência do MCT precisará estar envolvida também nesse processo.

- A ABCMC deve estimular seus associados a utilizar o boletim do DEMU e as revistas eletrônicas de museologia, como canais de divulgação. O DEMU deve estimular os demais museus a utilizarem o *Jornal da Ciência on line* como canal de divulgação.

- As conclusões desse GT devem ser repassadas à ABCMC. A nova presidência da Associação, que assumirá em 30 de setembro, precisará estar a par e ser estimulada por seus associados presentes, especialmente o MAST, o MPEG, o Museu da Vida e o Museu Louis Jacques Brunet (Recife), a agir pró-ativamente nas questões levantadas nesse Fórum.

- Os profissionais de museus devem ser instruídos a preencherem o sistema LATTES de currículos do CNPq, de forma a serem considerados no sistema de C&T.
- Os museus de ciências também devem ser contemplados por oficinas específicas do DEMU, sendo necessária a sua divulgação efetiva nos canais competentes. Por outro lado, os mesmos possuem especificidades e podem contribuir com oficinas para os demais museus.

A título de conclusão, os participantes do GT reconheceram a necessidade de avanços na área, embora tenham apontado a existência de redes já atuando nos dois subgrupos de trabalho.

Participantes e coordenadores do GT de museus universitários e de ciências cumprimentam o DEMU/IPHAN pela competência e sensibilidade na organização do II Fórum Nacional de Museus, desejando o mesmo sucesso em 2008.

Ouro Preto, 26 de agosto de 2006.

Profa. Maria das Graças Ribeiro

Fórum Permanente de Museus Universitários

Prof. Marcus Granato

Museu de Astronomia e Ciências Afins